


AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DAS FRONTEIRAS NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: REPENSANDO A CONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS E PRÁTICAS

THE CONTRIBUTIONS OF BORDERS THEORY
IN GEOGRAPHIC THINKING: RETHINKING
THE CONSTRUCTION OF CONCEPTS AND PRACTICES


LOS APORTES DE LA TEORÍA DE LAS FRONTERAS
EN EL PENSAMIENTO GEOGRÁFICO: REPENSAR LA
CONSTRUCCIÓN DE CONCEPTOS Y PRÁCTICAS

Reynaldo Daivyd Lopes da Silva¹

 0000-0002-2621-335X

reynaldodaivyd@hotmail.com

Domingos Sávio Corrêa²

 0000-0003-0320-3666

domingos.correa@igdema.ufal.br

Ano XXVII - Vol. XXVII - (1): Janeiro/Dezembro - 2023

CIÊNCIA
Geográfica

ISSN Online: 2675-5122 • ISSN-L: 1413-7461

www.agbauru.org.br

1 Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente - IGDEMA, Maceió, AL, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2621-335X>. E-mail: reynaldodaivyd@hotmail.com.

2 Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente - IGDEMA, Maceió, AL, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0320-3666>. E-mail: domingos.correa@igdema.ufal.br.

Artigo recebido em julho de 2022 e aceito para publicação em dezembro de 2022.



Este artigo está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO: O pensamento geográfico, conectado as perspectivas da teoria das fronteiras, tem passado por transformações que influenciam discursos e contribuições para o estudo do espaço geográfico. O presente artigo tem como objetivo analisar os avanços relacionados ao processo de construção da teoria das fronteiras, a partir de algumas vertentes da Geografia. Justifica-se a reflexão, por considerar a necessidade de trazer uma breve releitura discursiva, para compreender a formação da teoria das fronteiras na Geografia que ofereça possibilidades de diálogo com as diversas conjunturas. A metodologia desenvolve-se por meio de estudos bibliográficos investigativos, visando construir explicações sobre os princípios e fins que levaram a formação dessa teoria na Geografia. Conclui-se que a contribuição de pensar uma teoria das fronteiras pode auxiliar a Geografia a analisar o espaço geográfico, contribuindo ao avanço sobre diversas perspectivas e escalas de estudos e a evidenciar sua importância à construção do pensamento geográfico.

Palavras-chave: Pensamento geográfico. Teoria de fronteiras. Espaço geográfico. Escalas.

ABSTRACT: Geographical thinking has undergone numerous transformations that have improved the perspectives of the theory of borders, which is linked to various discourses and contributions to the study of geographic space. This article aims to analyze the advances that are related to the process of building the theory of borders in the face of different aspects of Geography. The research is justified by considering the need for a brief investigative re-reading to understand the formation of the theory of borders in Geography that adapts to different conjunctures. The methodology has a qualitative character, through investigative bibliographic studies aimed at building explanations about the principles and ends that led to the formation of this theory in Geography. It is concluded that the theory of borders has undergone several modifications and advances that have helped Geography to analyze the geographic space from different perspectives and scales of studies and its importance is fundamental for the construction of geographic thought.

Keywords: Transformation. Geography. Formation.

RESUMEN: El pensamiento geográfico apegado a las perspectivas de la teoría de fronteras, ha pasado por transformaciones que influyen en los discursos y aportaciones para el estudio del espacio geográfico. El objetivo de este artículo es analizar los avances que se relacionan con el proceso de construcción de la teoría de las fronteras frente a diferentes aspectos de la Geografía. La investigación se justifica al considerar la necesidad de una breve relectura investigativa para comprender la formación de la teoría de las fronteras en la Geografía que se adapta a diferentes coyunturas. La metodología tiene un carácter cualitativo, a través de estudios bibliográficos investigativos destinados a construir explicaciones sobre los principios y fines que llevaron a la formación de esta teoría en la Geografía. Se concluye que la teoría de las fronteras ha sufrido diversas

modificaciones y avances que han ayudado a la Geografía a analizar el espacio geográfico desde diferentes perspectivas y escalas de estudio y su importancia es fundamental para la construcción del pensamiento geográfico.

Palabras clave: Transformación. Geografía. Formación.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, tem ocorrido diversas contribuições no âmbito da teoria das fronteiras, sendo as mesmas influenciadas pelas vertentes alemã e francesa. Os primeiros conceitos, foram primordiais para formular e repensar a forma como a Geografia enxergava esse elemento teórico denominado fronteira. Nesse sentido, nota-se que existe uma herança dessas contribuições em diversos discursos; isso ocorre, primeiramente, por serem as bases teóricas dos primórdios da Geografia em sua formação doutrinária. Justifica-se a presente proposta, por considerar necessária uma releitura teórica para contribuir com a compreensão sobre a teoria das fronteiras e sua aplicação nos estudos geográficos que se ajuste as diversas conjunturas.

Considerando o que Prodanov e Freitas (2013, p. 14) ressaltam, afirmando que: “A metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade”. No presente trabalho, a metodologia tem um enfoque qualitativo, realizado por meio de revisões bibliográficas que visa construir explicações sobre os princípios e fins que levaram a formação dessa teoria na Geografia.

Nesse sentido, existe uma importância fundamental de estudar tais contribuições para identificar como essas perspectivas teóricas estão sendo usadas nos tempos de hoje com as diversas mudanças que perpassam pelos conhecimentos geográficos. Esse estudo se justifica, portanto, pelo fato de que essas transformações criadas por esses movimentos de reformulações, se originou de um processo longo, de fases e períodos que influenciaram tais contribuições. Afinal, cada época tem sua dinâmica específica com suas perspectivas sociais e geográficas.

Elementos como a escala ou estrutura conceitual de fronteiras podem alterar a análise que está enraizada em diferentes níveis de compreensão e organização espacial, sendo assim, diversos cuidados devem ser considerados antes de retomar uma teoria, principalmente por motivos de operacionalidade. Observa-se que a organização espacial é complexa, porém, com as bases teóricas adequadas, seria possível adquirir uma compreensão mais plausível e concreta dos fatos geográficos referentes a fronteira.

AS ESCOLAS FRANCESA E ALEMÃ NA HERANÇA CONCEITUAL

O determinismo e o possibilismo são vertentes que surgem como bases iniciais para as primeiras análises geográficas, sendo conceitos que deram suporte para acumular informações e dados referentes a disciplina. Esses conhecimentos possibilitaram algumas compreensões

sobre como as fronteiras eram percebidas por esses teóricos. Ratzel traz uma contribuição interessante ao associar o elemento Estado ao território e as fronteiras, essa relação é necessária, pois o Estado necessita desses fatores para exercer seu poder e controle de organização espacial. A seguir, apresenta-se um quadro relacional onde se indica a contribuição teórica e a fundamentação conceitual, de acordo com cada doutrina (Quadro 1).

Quadro 1. Conceitos de fronteiras por Vidal de La Blache e Ratzel.

Teóricos	Conceitos
Ratzel	Fundamentada na ideia de uma relação estreita entre solo e Estado.
Vidal de La Blache	Invisíveis e relacionadas a ações que provocam movimento e transformação de suas funções, possibilitando a restrição ou não de fluxos.

Fonte: Vidal de la Blache (1993) e Ratzel (1899), adaptado pelos autores.

O homem, nessa perspectiva, está associado em uma relação com o solo, sendo este um suporte para a ocorrência das relações espaciais e de formação de grupo. “Assim, quer seja o homem considerado isoladamente ou em grupo (família, tribo ou Estado), por toda parte em que se observar se encontrará algum pedaço de terra que pertence ou à sua pessoa ou ao grupo de que ele faz parte.” (RATZEL, 1899, p.94). Desse modo, observa-se que essa vertente teórica já considerava uma relação de posse sobre o solo e esse fator fez com que se evidenciasse a existência de fronteiras, como chama a atenção o geógrafo afirmando que:

Como o Estado não é concebível sem território e sem fronteiras, constituiu-se bastante rapidamente numa geografia política, e ainda que nas ciências políticas em geral se tenha perdido de vista com frequência a importância do fator espacial, da situação, etc... (RATZEL, 1898 – 1899, p. 93)

O Estado, nesse contexto, tem a capacidade de dominação das relações entre as escalas de grupos sociais e econômicos, com o objetivo de organizar e os envolver. “O Estado se desprende então sucessivamente do grupo econômico, depois do grupo familiar, os domina e os envolve.” (RATZEL, 1899, p. 95). Por outro lado, repensando essa perspectiva sabemos que essa organização tem ligações com os interesses do capital que cria necessidades e possibilidades de modificações, sendo assim o Estado é apenas um dos poderes que regem o espaço geográfico.

A Geografia ratzeliana, portanto, sustenta-se na ideia de uma ligação estreita entre solo e Estado. Ratzel foi influenciado tanto por historiadores como Curtius e Mommsen, como pelos geógrafos Ritter e Réclus, além de Spencer (RAFFESTIN, 1993), mas também sofreu

influências mais difusas, demonstrando certa “similitude do seu discurso com a fraseologia marxista” (SANTOS, 1980, p. 33). Santos (1980) elenca alguns exemplos de tal fraseologia, terminando por afirmar que: “tudo isso é mais do que próximo da conceitualização da superestrutura de Marx e da filiação dos elementos materiais em relação aos dados da produção” (p. 34). Raffestin, por outra parte, afirma que o quadro conceitual de Ratzel seria amplo e “tão naturalista quanto sociológico, mas seria errôneo condená-lo por ter ‘naturalizado’ a Geografia política, algo que às vezes ocorreu [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 12).

Vidal de la Blache (1993), traz contribuições mais abrangentes apesar das limitações, com o intuito de promover estudos relacionados aos movimentos migratórios. Essas ideias revelam novos horizontes para análises desses deslocamentos em diversas direções e em diferentes escalas. Esse processo migratório, a luz do possibilismo, faz com que os estudos dessa temática se tornassem mais dinâmicos. Nesse sentido, “É também o velho mestre [Carl Ritter] a quem se atribuiu o mérito de lançar luz sobre a ideia de posição; através do termo *Weltstellung*, que ele emprega frequentemente, fica subentendida a ideia de uma humanidade em marcha [*humanité en marche*]. [...]” (VIDAL DE LA BLACHE, 1993, p. 233).

Esse termo que constrói La Blache para o entendimento sobre o movimento migratório pela ideia de humanidade em marcha é apontado pelo geógrafo como uma espécie de instinto, em resposta as diversas adversidades que ocorrem nos diferentes lugares e espaços, no qual, “[...] a posição é vista em relação às migrações dos povos, e é como uma espécie de instinto que aparece como uma eterna inquietude, esse *Trieb* que coloca em movimento, por direções determinadas pela Geografia, as massas humanas” (VIDAL DE LA BLACHE, 1993, p. 233). Esses movimentos possibilitam diversas modificações nas dinâmicas das fronteiras, principalmente pelas ações que geram forças contrárias. Nesse sentido, podemos observar que:

É interessante observar que a gênese da geografia alemã, a primeira verdadeiramente moderna, tenha se dado num momento em que os alemães viviam subdivididos em numerosos pequenos Estados, sobrevivência da estrutura política fragmentada medieval, com vida econômica social precária e arcaica. Entretanto, em contraste, a vida intelectual alemã revelava grande fertilidade, sobretudo na filosofia e na literatura (MAMIGONIAN, 2003, p. 5)

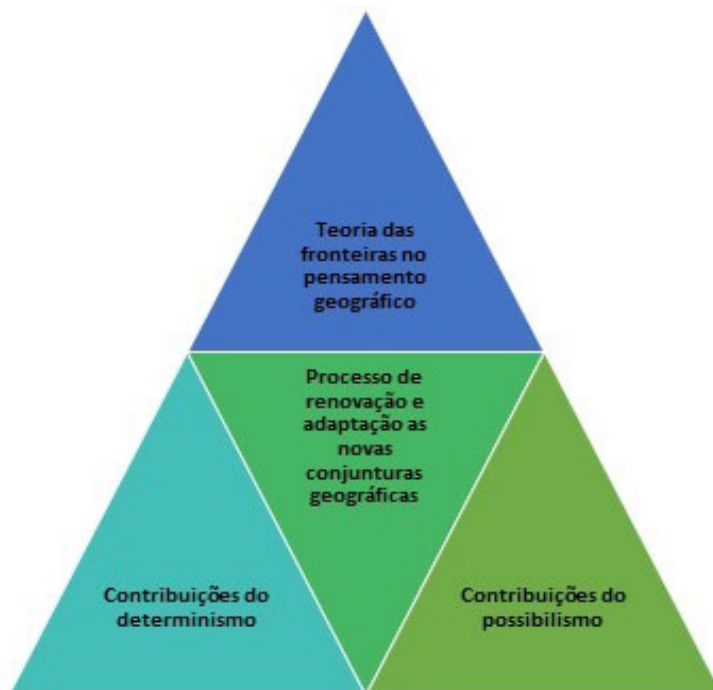
Considerando essas inquietudes, em diferentes períodos, sabemos que são provocadas por alterações que impactam na sobrevivência do ser humano onde o mesmo se desloca para lugares mais favoráveis ou são forçados a isso. Vidal De La Blache (1911, p. 3), sobre este aspecto, comenta que: “a troca, antes de tudo, se estabelece pelo contato com regiões vizinhas e contíguas; ela encontra seu alimento nas diferenças que as distinguem [entre as regiões]. [...]”. A grande questão é que, para o teórico, foram os elementos de cada período que possibilitaram a geração dessas necessidades de impulsionar esses movimentos no espaço.

De acordo com o anterior, essas trocas de massas populacionais revelam um processo em que os elementos essenciais que suprem alguma necessidade se concentram em outras

regiões; sendo assim, podemos observar que “[...] O princípio do agrupamento não é mais fundado na ideia de homogeneidade regional, mas sob a solidariedade entre regiões diversas. É uma combinação, e, por isso, um progresso.” (VIDAL DE LA BLACHE, 1911, p. 3). Essa relação de processo se confirma na ideia de que a exploração de uma determinada área pode ocorrer a distância, pois, o capital é solidário com ele mesmo, não havendo fronteira para o seu acesso, senão ampliação de outras fronteiras, ao provocar desigualdades e mais movimentos migratórios nas diferentes fronteiras geográficas de limites físicos e políticos, nas diversas escalas espaciais.

A TEORIA DAS FRONTEIRAS E SUA EVOLUÇÃO

As fronteiras, na perspectiva teórica geográfica, ganham diversas atribuições que estão intimamente ligadas as relações de poder, seja na esfera política, das organizações do Estado ou da intervenção do capital, que se materializa por meio das grandes corporações, dado que são estas que têm o acesso livre aos territórios de distintas nações, como se apresenta em síntese, essa evolução teórica representada na Figura 1.



Fonte: Autores (2022).

Figura 1. Síntese dos avanços teóricos conceituais da teoria das fronteiras, 2022.

Esses fatores de avanços podem estar relacionados a diversos fatores que produzem espaços de exclusão e atração, gerando movimentos que podem estar atrelados com acordos e organizações que beneficiam os interesses capitalistas; ou seja, o acúmulo de poder de capital, as dominações financeiras e as desigualdades sociais são reflexos desse processo que geram tanto barreiras físicas quanto simbólicas.

Nessa perspectiva, as fronteiras na Geografia ganham diversos aspectos a depender das escalas e categorias aplicadas; sendo assim, nota-se que com a mundialização do capital e os processos empurrados pela globalização possibilitaram que esses elementos criassem diversas variáveis de diferentes comportamentos fronteiriços aonde os recursos financeiros são de livre circulação.

Nesse sentido, a teoria das fronteiras tem suas primeiras bases nas escolas alemã e francesa, porém um conjunto de processos de evolução do pensamento geográfico acrescentou novas perspectivas para essa teoria, sendo necessário que os geógrafos adaptassem as novas conjunturas ao objeto de estudo geográfico e suas categorias de análise, considerando que analisar as fronteiras requer um estudo profundo de diversos olhares geográficos que compõem essa ciência.

Os conflitos, desde as mais diversas origens, são elementos que tem provocado essas relações de fronteiras, apontadas por teóricos como Ratzel e Vidal de La Blache. Contudo, devemos repensar essas teorias para atender as novas demandas geográficas, onde as fronteiras são resultado de relações de poder sobre as massas populacionais, onde uma grande parcela não pode atravessá-la sem provocar conflitos e perseguições, como ressalta Corrêa (1998), ao comentar que:

A organização espacial é o resultado do trabalho humano acumulado ao longo do tempo. No capitalismo, este trabalho realiza-se sob o comando do capital, quer dizer, dos diferentes proprietários dos diversos tipos de capital. Também é realizado através da ação do Estado capitalista. Isto quer dizer que o capital e seu Estado são os agentes da organização do espaço. Daí falar-se em espaço do capital. (CORRÊA, 1998, p.60-61)

Considerando esses fatos, os grupos excluídos nesse movimento migratório ao se estabelecer em novos lugares, em meio as adversidades, promovem uma produção de movimento geográfico espacial específico trazendo novas alterações e novas fronteiras paralelas ao Estado, como são fronteiras das imigrações ilegais, assim como as fronteiras urbanas que surgem com as favelas que são controladas por facções de controle e poder paralelo, que se torna um bom exemplo destas alterações.

O grande desafio, estaria em analisar essas fronteiras que se sobrepõem a outras, que compartilham o mesmo solo urbano e se encontram em escalas menores; porém, tem seus impactos e geram fronteiras e relações de conflito com o próprio Estado que, em sua função, tenta intervir e sanar o problema. Porém, essa relação e processo é reproduzida pela desigualdade social e o uso desigual do território. Sendo a pobreza um resultado de uma organização financeira, política e social.

Nesse sentido, podemos observar que o capital é de livre circulação nas fronteiras, realidade promovida pela globalização capitalista, onde o mesmo pode ser um elemento de fronteira, pois o acesso a determinados países pode ser concebido pelo poder de compra, onde uma grande parcela da população mundial não tem o suficiente para acessar.

LUGARES E NÃO-LUGARES NAS FRONTEIRAS

Pensar o lugar e não lugar é algo fundamental para entender certas relações espaciais das fronteiras, em diferentes contextos em escalas menores de análise. O pesquisador, com frequência, tende a considerar o meio construído por relações sociais interligadas sobre influências que podem vir do local ao global. Essa perspectiva está ligada, diretamente, ao pertencimento e as vivências de um grupo que modela e incorpora ações sobre esses espaços, formando fronteiras e conexões, por meio dos avanços tecnológicos e das necessidades do sistema econômico. Nessa perspectiva:

O “fora de lugar” ou o “não-lugar” que o indivíduo da supermodernidade freqüenta não é o “não-lugar” do poder, em que se estabelece a dupla e contraditória necessidade de pensar e de situar o universal, de anular e de fundar o local, de afirmar e de recusar a origem. Essa parte impensável do poder que sempre fundamentou a ordem social, se necessário invertendo, como que pelo arbítrio de um fato natural, os termos que servem para pensá-lo, encontra sem dúvida uma expressão particular na vontade revolucionária de pensar ao mesmo tempo o universal e a autoridade, de recusar ao mesmo tempo o despotismo e a anarquia, mas ela é mais geralmente constitutiva de toda ordem localizada que, por definição, deve elaborar uma expressão especializada da autoridade. (AUGÉ, 2002, p. 103)

O lugar seria resultado de diversas ações e variações sobre esse pequeno recorte espacial; uma escala, onde diversos acontecimentos e transformações podem ocorrer, modelando e trazendo outras dinâmicas ao passar dos tempos, ressignificando as atribuições. Outro ponto fundamental é a experiência e a possibilidade de vivenciar pelos sentidos esse processo, como chamou a atenção Milton Santos, ao ressaltar que:

Já não se pode falar de contradição entre *uniqueness* e globalidade. Ambos se completam e se explicam mutuamente. O lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel em sua história [...]. (SANTOS, 1988, p. 35)

O “não lugar” é o oposto daquilo que se define o lugar, existindo então barreiras e processos que demandam um efeito de exclusão ou retração de elementos nessa escala. Pois o lugar necessita ser materializado desde um recorte do espaço geográfico. Nesse sentido, as virtualizações do lugar são apenas extensões para comunicação desses locais, portanto, uma ferramenta de comunicação e controle. Nesse sentido, “[...] na medida em que o não lugar é o negativo do lugar, torna-se de fato necessário admitir que o desenvolvimento dos espaços da circulação, da comunicação e do consumo é um traço empírico pertinente da nossa contemporaneidade[...]”. (AUGÉ, 2006, p. 115).

REGIÕES, REGIONALISMOS E INTEGRAÇÃO EM ESPAÇOS DE FRONTEIRA

Esses termos são noções geográficas que nos remetem à inserção de novas dinâmicas, em escalas maiores, trazendo novas perspectivas no conhecimento geográfico, interligados com as relações específicas de cada região. As diferenciações e similaridades, podem separar ou unir espaços criando processos e eventos particulares dessas áreas.

Em uma perspectiva de escala, essa formação de aglomerados de territórios indicam fronteiras, mas nem sempre de uma que seja física; observa-se que esse parâmetro de fronteira pode estar relacionado com as organizações de sistemas políticos e econômicos, pois o capital consegue atravessar esses espaços de forma fluida e rápida quando os interesses são coniventes. Estas tendências criam necessidades e demandas que geram “funções urbanas que se materializam nas formas espaciais.” (CORREA, 1995, p. 10).

A princípio, essas fronteiras eram físicas; um exemplo são as muralhas que impediam os inimigos de atacar uma determinada região. Com o avanço das tecnologias da comunicação e informação, percebe-se que as relações de fronteiras nas regiões globalizadas tendem a ter como barreira o poder de compra em todos os sentidos. O Estado como intermediador, que atua por meio de acordos, reforça esse processo para atender a perspectiva do sistema econômico e das relações regionais criando inter-relações entre dominação e intervenção.

Nesse sentido, existem também outras forças que participam desse processo que envolve Estado e capital, como as corporações que são apenas uma parte desse emaranhado de relações na organização do espaço geográfico. Deve-se também considerar as relações sociais que, de certo modo, criam revoluções que alteram algumas lógicas, em alguns pontos do espaço, gerando resistências e reivindicações como, por exemplo, a existência de Estados comunistas e socialistas ou híbridos.

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E TRANSTERRITORIALIDADES NAS FRONTEIRAS INVISÍVEIS

O espaço geográfico, como chama a atenção Santos (1988), ao tratar-se de “um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários” (p. 71), cria diversas possibilidades que promovem as relações de posse. Nesse contexto, o território em sua essência está conformado com o que seriam suas fronteiras físicas ou invisíveis sendo geradas de acordo com a organização do território.

O território, nesse sentido, não está isolado dos outros espaços, portanto, existem conexões em diversas escalas de poder que possibilitam um controlar o outro de forma dialética, gerando processos e períodos que promovem funções, ou seja, territórios, que em sua escala de relações transcendem seus espaços por meio de extensões promovidas pela globalização financeira. Sobre estes aspectos, ressalta Silveira (2011, p. 80) que:

O território usado é uma categoria inclusiva porque leva em conta todos os atores, e não apenas o Estado, como na acepção herdada da modernidade; todos os atores, e não apenas os que têm mobilidade, como nas mais clássicas noções de espaço de fluxos. [...]"

Nesse sentido, as territorialidades possibilitam novos paradigmas relacionados com a fronteira, principalmente, quando a barreira ou o impedimento está vinculada ao poder do capital e das relações políticas, que criam regras de inclusão e exclusão. Essas regras criam também atritos que geram lutas de forças no território que se mesclam a outros paralelos.

ESPAÇO, ESPACIALIDADES E O DIREITO A CIDADE NA PRODUÇÃO DE FRONTEIRAS SOCIAIS

Pensar nessa temática é refletir sobre o condicionante social, atrelado aos usos desiguais da cidade, que nasce das variações das fronteiras espaciais na escala urbana. Portanto, o espaço urbano é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais.” (CORREA, 1995, p. 9). Essa fragmentação é criada para atender as demandas do sistema econômico, onde o estado trabalha intermediando os interesses.

A grande cidade capitalista é o lugar privilegiado de ocorrência de uma série de processos sociais, entre os quais a acumulação de capital e a reprodução social têm importância básica. Estes processos criam funções e formas espaciais, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização urbana (CORRÊA, 1995, p.37).

A urbanização criou diversos processos que determinam funções de fronteiras que estão atreladas a perspectivas de classes e de poder aquisitivo. Nesse sentido, “A intensa urbanização, a reorganização do Estado e da economia, a monetarização da economia e da sociedade que vão se completando, os agregados de ciência, técnica e informação à vida social e ao território, [...]" (SILVEIRA, 2004, p. 3).

O espaço urbano é o centro de atividades e de relações sociais que modificam o meio, criando espacialidades e formando relações de poder que determinam quais pontos do espaço urbano podem ser beneficiados, na perspectiva, de promover um movimento contínuo de transformação e reprodução das hierarquias de classes sociais, onde as mesmas têm potencial de produção do espaço urbano, seja por meios legais ou não. Na perspectiva de Santos (2013, p.119), “[...] em primeiro lugar, o arranjo espacial das cidades muda, tanto pelo seu tamanho consideravelmente aumentado, como pela sua localização mais dispersa. Mudam, sobretudo, suas funções”.

REPENSANDO A TEORIA DAS FRONTEIRAS PELO OLHAR DO PESQUISADOR

Como pesquisadores, devemos estar atentos a esses processos buscando soluções para continuar as contribuições para o desenvolvimento do pensamento geográfico, pois, as mudanças ocorrem de formas ininterruptas e cada elemento novo traz uma nova perspectiva geográfica. Com base em Raffestin (1974, p. 23). “é de fato nos movimentos de integração econômica que se vê acentuar o interesse de novos estudos sobre a fronteira”, nesse sentido, “percebeu-se então que a fronteira podia ter efeitos múltiplos e variados e que ela era bem mais um fato social que um fato espacial *stricto sensu*”.

Portanto, o conceito de fronteira na Geografia se estabelece como um conjunto de elementos e padrões semipermeáveis, firmados por regras políticas, sociais e econômicas que geram forças e organizações para estabelecer limites físicos ou invisíveis possibilitando a existência de delimitações estabelecidas por dinâmicas territoriais. Nessa perspectiva, é importante compreender também as diferenciações de fronteiras e limites, sendo assim,

Esta diferenciação no significado da palavra “fronteira” e “limite” ajuda a esclarecer muita das dificuldades ligadas à relação que surge da justaposição dos Estados. Sempre existiram as fronteiras e somente quando tentam definir as regiões é que os geógrafos entram no pleno conhecimento dos problemas decorrentes de sua existência. Sempre possuíram extensão espacial, sempre ocuparam partes da superfície do globo, mas em virtude de sua natureza transitória vem exigindo definição correta. (MOODIE, 1965, p. 85)

Ao considerar as diferentes dinâmicas e processos, os quais intervêm na construção do conhecimento sobre fluxos, as formas e práticas que se manifestam nas diferentes escalas o pesquisador deve considerar inúmeras possibilidades, pois o espaço geográfico é dinâmico. Esse dinamismo promove modificações atreladas as demandas sociais e econômicas de cada período.

É certo que as revoluções sociais exercem força sobre o espaço urbano, como um elemento que reformula as regras, quando os limites do que é aceitável está sendo ultrapassado, as transformações são intencionais, pois essas ações tendem a atender essas demandas que criam espaços desiguais e reformulam as dinâmicas.

Em relação com as fronteiras, a princípio, essas eram físicas como muralhas que impediam os inimigos de atacar uma determinada região, mas com o avanço das tecnologias da comunicação e informação as relações de fronteiras nas regiões globalizadas tornar como barreira o poder de compra em todos os sentidos. O Estado vai funcionar apenas como um intermediador do sistema capitalista por meio de acordo e reforça esse processo para atender a perspectiva do sistema econômico e das relações regionais em uma relação de dominação e intervenção.

Os novos espaços que se evidenciam como novos paradigmas, estão ligados a diversos processos, portanto, se faz necessário uma análise a partir das escalas e categorias de análises da Geografia. Os processos que estão ligados a esses acontecimentos também

estão conectados a essas dimensões espaciais, portando uma análise geográfica requer certos cuidados relacionados a essas perspectivas.

As forças que transformam o espaço geográfico são inevitáveis, considerando que tais ações ocorreram nos mais diversos períodos, portando estudar essas mudanças ao longo do tempo torna-se revelador sobre as possibilidades de intervenção e atuação das forças que movem os elementos construtores e desconstrutores das fronteiras espaciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bases teóricas das escolas alemã e francesa, tiveram sua importância para criar estruturas solidas para as demais vertentes, considerando que as mesmas se apropriaram, de certo modo, de alguns conceitos de fronteira e dos elementos que estão atrelados a essa dinâmica. Ratzel e Vidal de La Blache criaram os caminhos para as diversas contribuições dessa temática.

A formação da teoria das fronteiras passou por diversas modificações, novos elementos foram incorporados, atribuindo novas perspectivas e compondo uma análise mais detalhada desse processo. Sabendo disso, alguns elementos que se apresentam como operacionais podem ser resgatados e reformulados para trazer os estudos geográficos para uma contribuição mais precisa e ampla.

Ao aplicar tais teorias, deve-se ter alguns cuidados, pois sabemos que esses conceitos e teorias são influenciados pela época em que foram formulados. Nesse sentido, algumas questões relacionadas ao pensamento social do período histórico, pode estar associado a alguns elementos da teoria; sendo assim, deve o pesquisador ter em mente que ajustes serão necessários em alguns casos.

A escala da análise também deve ser considerada, pois alguns fenômenos são específicos de certas localidades e territórios, o que não significa que não possam ocorrer em outros pontos do planeta. Portanto, os acontecimentos são um reflexo da realidade que vai do local ao global, com suas especificidades. Assim, as relações sociais no espaço geográfico tendem a seguir as demandas e criar um fluxo de movimento contínuo, que reproduz as fronteiras das classes sociais, do sistema financeiro e do Estado. Esse processo exclui e inclui fronteiras, provocando barreiras e caminhos migratórios.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. **Para que vivemos?** 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus, 2006.
- AUGÉ, M. **Não-lugares.** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus/Travessia do Século, 2002.
- CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LA BLACHE, V. DE. La Géographie Humaine, ses Rapports avec la Géographie de la Vie. In: SANGUIN, A.-L. **Vidal de la Blache: un génie de la Géographie.** Paris: Belin, 1993. p. 223-244.
- LA BLACHE, V. DE. **Sur la relativité des divisions régionales.** Athena, n. 11, 1911.

- LA BLACHE, V. DE. **Os gêneros de vida na geografia humana** [primeiro artigo]. In: CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 1. Ed. São Paulo: Ática S.A, 1995.
- MODDIE, A. E. **Geografia e Política**. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1965.
- MAMIGONIAN, A. A Escola Francesa de Geografia e o papel de Andre Cholley. **Cadernos Geográficos**. Florianópolis, Nº 6, 44 p., maio 2003.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- RAFFESTIN, C. Espace, Temps et Frontière. In: **Cahiers de géographie de Québec**, vol. 18, nº. 43, avril 1974. P. 22-34.
- RATZEL, F. **O solo, a sociedade e o Estado**. Tradução: Mario Antônio Eufrásio. 3º ed. Paris: L’Aneé Sociologique, 1899, p. 93 – 100, Título original: Le sol, La société et l’État
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. **Cuadernos del Cendes**, año 21, nº 57, sep-dic, tercera época, 2004.
- SILVEIRA, M. L. O lugar defronte os oligopólios. In: DANTAS, Aldo et al. (org.). **Lugar-mundo: perversidade e solidariedade: encontros com o pensamento de Milton Santos**. Natal: EDUFRN, 2011. p. 80-100.